



A pandemia e a tentação imperial da China



TEXTO
MIGUEL MONJARDINO

A pandemia é uma tragédia humana. Também é uma oportunidade única. Em Pequim, a covid-19 é vista como um instrumento que criará mais espaço para a afirmação externa da China

ILUSTRAÇÃO **HELDER OLIVEIRA**







em setembro do ano passado fui a Londres, ao Financial Times Weekend Festival. É um encontro anual que reúne os principais jornalistas e columnistas do jornal com os seus leitores. O dia esteve bonito e a lotação completamente esgotada. A meio da tarde, cerca de mil pessoas encheram a tenda principal para ouvir Isabel Hilton, Martin Wolf e Ma Jing, um crítico do Partido Comunista Chinês (PCC), discutir o tema: “Will China Rule the World?”. Nader Mousavizadeh, da Macro Advisory Partners, moderou o painel. A sessão começou com uma pergunta dirigida à plateia: “Quem acha que a China dominará o mundo em 2040?”. Não é fácil contar braços no ar nestas circunstâncias, mas fiquei com a clara impressão de que mais de metade dos presentes concordou.

O número de livros publicados nos últimos anos sobre a ascensão da China e as suas implicações é estonteante. A ideia de que estes são os anos do “momento unipolar” da China está a ser fortalecida pela primeira fase da pandemia da covid-19 e as suas consequências pelo mundo fora. Há muita coisa que ainda não sabemos sobre a doença. Mesmo assim, segundo uma investigação do jornal “South China Morning Post”, a doença apareceu na cidade de Wuhan algures em novembro do ano passado. Como veremos um pouco mais à frente, a natureza do regime liderado pelo Partido Comunista Chinês impediu uma reação rápida ao aparecimento da covid-19. Pequim, todavia, olha para a pandemia como uma oportunidade estratégica para consolidar o seu poder sobre a sociedade chinesa e aumentar o seu poder e influência a nível internacional. Porquê?



Ao longo dos últimos anos, tenho argumentado que a História e a Literatura são essenciais para compreender o que se passa no mundo. A primeira é como a infantaria. É preciso ter os pés no chão e uma boa ideia do longo arco histórico das sociedades para avaliar as propostas políticas, as teorias dos cientistas sociais ou os dados que uma galáxia de sensores recolhe agora sobre os nossos dias. A segunda continua a ser a porta que dá acesso à

cultura de um país. É impossível compreender o que está a acontecer na China ou as escolhas que a liderança do PCC tem vindo a fazer sem termos estudado os debates que têm ocorrido no país nos últimos séculos. O problema é que praticamente tudo o que lemos sobre a China hoje em dia olha para o futuro e ignora o passado. O resultado parece-me ser um dilúvio de livros com um prazo de validade curto.

Na China, a História é um terreno escorregadio. Isabel Hilton chamou a atenção para este ponto no painel sobre a China em Londres: “É demasiado difícil prever o passado na China, quanto mais o futuro.” É verdade. Mesmo assim, é importante fazer um esforço para compreendermos a influência da História chinesa no que está a acontecer. Esta semana, desliguei a televisão e reli o livro de Philip A. Kuhn “Origins of the Modern Chinese State”. É um grande livro. O seu argumento é que o Estado chinês foi influenciado de forma decisiva pela sua História interna. Os debates sobre a participação política e a legitimidade do Estado, a competição pelo poder e o interesse público e a tensão entre as necessidades fiscais de Pequim e as da sociedade local, que se iniciaram na fase final da dinastia Qing, na transição do século XVIII para o XIX, continuam a decorrer hoje em dia.

A China é um milagre geopolítico. Apesar de ter uma História muito caótica e violenta, o país entrou na idade moderna unificado. Isto é algo que desvalorizamos em Portugal, um país com fronteiras definidas há muitos séculos. Todavia, tal só foi possível na China com a força militar, a centralização do poder numa pequena elite e o controlo ideológico sobre a sociedade. A abertura da China, a sua integração na economia internacional e as revoltas de 1989 contra o PCC levaram muitos em Washington e nas capitais europeias a pensar que a globalização levaria as províncias na costa do Pacífico, que enriqueceram e se modernizaram a uma velocidade estonteante, a reconsiderar as questões da participação política e do interesse público e o papel das comunidades locais e a sua relação com Pequim. Tal não aconteceu. Pelo menos, até hoje. E, se acontecer, todo este processo será feito com base na experiência cultural e histórica da China.

Xi Jinping e os seus aliados no Comité Central do PCC não estão nada interessados numa agenda constitucional de abertura. Pelo contrário. A centralização do poder é vista como essencial para a concretização do seu “Sonho Chinês”. A fórmula “42” é o melhor exemplo do controlo ideológico exercido por Xi Jinping sobre o partido. O primeiro “4” refere-se à consciência da absoluta necessidade de manter a integridade política do PCC, a planejar a prazo, à importância de manter o núcleo da liderança e ao alinhamento com as diretivas partidárias. O segundo “4” tem a ver com a confiança no caminho do PCC, nas teorias do partido, no sistema comunista com características chinesas e no carácter único da civilização chinesa. O “2” chama a atenção para a importância de proteger o estatuto central de Xi Jinping no PCC e na liderança unificada do partido.

Num país que é assim governado, o espaço para a crítica, as denúncias ou as chamadas de atenção ao poder político a nível local, regional e nacional é diminuto. Para o PCC, tudo isso é desestabilizador. Sobretudo, se for verdade. É isto que explica o enorme secretismo que rodeia os desastres naturais, os

acidentes em fábricas, os protestos públicos em larga escala ou as crises de saúde pública na China. As consequências no início da covid-19 em Wuhan foram grandes.

No final de dezembro passado, quando o médico Li Wenliang e outros sete colegas dos hospitais da cidade se aperceberam de que um vírus parecido com o que tinha causado a Síndrome Respiratória Aguda Grave em 2002-2003 estava a alastrar rapidamente, recorreram às redes sociais para avisar a população local. A reação das autoridades públicas foi rápida. Os médicos foram censurados pela polícia local, acusados de fabricarem rumores e forçados a assinar um documento em que se comprometiam a não cometer mais nenhuma ação ilegal. Poucos dias depois, Li Wenliang foi contagiado com a covid-19 e hospitalizado. Na sua cama no hospital, disse: “Se os funcionários tivessem divulgado a informação sobre a epidemia mais cedo, acho que teria sido muito melhor. Devia haver mais abertura e transparência.” Morreu no dia 7 de fevereiro. Tinha 33 anos e a sua mulher esperava o segundo filho do casal. A morte de Li Wenliang causou uma comoção nacional na China.

A cidade de Wuhan só entrou de quarentena no dia 23 de janeiro, sete semanas depois de a covid-19 ter aparecido. O sacrifício e o heroísmo dos médicos, enfermeiros e habitantes da cidade permitiram controlar a primeira fase da pandemia na China. A tragédia humana de Wuhan é a melhor prova do enfraquecimento da Administração Pública chinesa durante a liderança de Xi Jinping. Num país gigantesco e com uma geografia difícil, nada é decidido sem ordens do líder supremo.



No final de fevereiro, Pequim passou à ofensiva. Zhong Nanshan, o cientista que lidera o painel de peritos na contenção da pandemia, disse pela primeira vez que “o coronavírus apareceu primeiro na China mas pode não ter começado na China”. Esta frase foi o primeiro sinal de uma campanha de desinformação em larga escala orquestrada pelo PCC.

Duas semanas depois, Zhao Lijian, porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros da China, usou o Twitter para defender a existência de provas de que a covid-19 começou num laboratório militar nos EUA. A CGTN, o canal de televisão em inglês da Televisão Central da China, controlado pelo PCC, fez o mesmo. Na sua edição de 22 de março, o jornal “Global Times” sugeria que o vírus apareceu em Itália. De então para cá, estas teorias da conspiração foram repetidas por uma série de embaixadores chineses e divulgadas no Twitter — que é proibido na China — e na aplicação social WeChat.

A continuar, esta campanha de desinformação e propaganda do PCC terá quase de certeza resultados muito negativos para a relação da China com os EUA e para a cooperação internacional que será necessária para a supressão, contenção ou mitigação da pandemia. Depois de ter inicialmente elogiado a China pelos seus esforços na contenção da covid-19 no final de janeiro, Donald Trump culpou Pequim pelas consequências internacionais da pandemia e chamou à doença o “vírus chinês”. O Presidente norte-americano usou várias vezes esta expressão, um sinal de que facilmente aceitará a tentação de usar o tema na campanha eleitoral para a sua reeleição. Não será o único. O senador republicano Tom Cotton imitou Zhao Lijian e sugeriu



MARK RALSTON/GETTY IMAGES

ACUSAÇÕES Li Wenliang, o médico chinês que chamou a atenção para o aparecimento da covid-19, foi silenciado pela polícia estatal; a sua morte provocou comoção internacional, mesmo no campus da UCLA, na Califórnia. O tweet de Zhao Lijian, porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros da China, de 13 de março, que deu início nas redes sociais à teoria da conspiração que acusa os Estados Unidos da América de estarem na origem do novo coronavírus. Já o "Global Times" sugere na sua edição de 22 de março que as primeiras infeções tiveram lugar em Itália. O senador republicano Tom Cotton imitou o porta-voz do governo da China e disse que o vírus teve origem no Instituto de Virologia de Wuhan, a cidade mais afetada pelo surto



CHIP SOMODEVILLA/GETTY IMAGES

que o vírus teve origem no Laboratório Nacional de Biossegurança, no Instituto de Virologia de Wuhan.

A duração da campanha de desinformação chinesa é incerta mas, por agora, tem o apoio de Xi Jinping. Do ponto de vista de uma parte da liderança chinesa é essencial desviar as atenções ou as críticas em relação à tragédia de Wuhan, semear as dúvidas em relação à origem geográfica da doença, consolidar a autoridade e legitimidade do líder chinês e criar a impressão de que Pequim comprou tempo para salvar o mundo da pandemia. Tudo isto sugere que o PCC vai reescrever a história do que aconteceu em Wuhan. Tal como sucedeu com as revoltas e o massacre de Tiananmen em 1989, os alunos que frequentarem as escolas e as universidades chinesas em 2040 não deverão ter a oportunidade de saber a verdade sobre o que se passou na cidade no inverno de 2019-2020. Voltando a Isabel Hilton, “é demasiado difícil prever o passado na China”.

A campanha de desinformação e propaganda também é essencial para melhorar a imagem externa da China depois do início da pandemia em Wuhan. Tal implica um controlo muito mais apertado sobre os jornalistas estrangeiros que escrevem sobre a sociedade, economia e política chinesas. Especialmente se trabalharem para jornais norte-americanos que se interessam pelo que se passa em Xinjiang ou em Hong Kong. O anúncio da expulsão de, pelo menos, 13 jornalistas do “New York Times”, “Wall Street Journal” e “Washington Post” é uma tentativa de as autoridades chinesas

controlarem as histórias que são publicadas no estrangeiro sobre o país. Pequim, obviamente, espera que os jornalistas que não forem agora forçados a sair da China sejam muito mais cuidadosos nos seus artigos e reportagens. Para o PCC, é inconcebível que a imprensa não esteja ao serviço das suas necessidades e interesses. A pandemia é uma tragédia humana dentro e fora da China. Também é uma oportunidade única.

Num estudo recente publicado nos EUA pelo National Bureau of Asian Research, Nadège Roland escreve sobre “a crescente impaciência” de Pequim em relação ao fosso entre os seus recursos tecnológicos e económicos e a sua autoridade sobre a política internacional. Suspeito que a pandemia da covid-19 nos EUA, Canadá e países europeus esteja a ser vista pela liderança chinesa como a confirmação final do declínio de Washington e da marginalização do Velho Continente iniciado durante a Grande Recessão de 2008. A retórica e as ações de Pequim desde então sugerem que considera este declínio irreversível. Sob este ponto de vista, a covid-19 é vista como um instrumento que acelerará o processo de transição de poder a nível internacional e criará mais espaço para a afirmação externa da China. Porém, um dos grandes problemas estratégicos de Pequim é a sua geografia asiática e a falta de aliados.

A tragédia em curso em Itália e em Espanha, a pressão ou a ameaça do colapso dos sistemas de saúde pública europeus, a total incapacidade de Donald Trump para compreender o que é um governo e como funciona, a surpresa inicial e a dificuldade dos países da União Europeia em se adaptarem do ponto de vista político e logístico a uma situação de emergência médica permitem à China apresentar-se, pela primeira vez, como líder mundial numa situação deste tipo. Nestes dias, ninguém se lembra de que a Cruz Vermelha de alguns países europeus ajudou a Cruz Vermelha chinesa durante a fase mais grave da pandemia em Wuhan. Também pouca gente sabe que a instituição chinesa retribuiu a ajuda recebida e tem vindo a ajudar a Itália. O que as pessoas sabem é que Pequim colocou em algumas das principais cidades italianas toneladas de equipamento médico e que construiu hospitais com milhares de camas em 48 horas.

A globalização e a organização das cadeias de valor das empresas internacionais transformaram as províncias mais próximas da costa da China num porta-aviões logístico altamente eficiente. Esta capacidade de produção permite a Pequim produzir em larga escala o equipamento médico e os produtos farmacêuticos de que as capitais asiáticas, europeias, Washington e muitas outras pelo mundo fora necessitam urgentemente. Portugal, o país europeu com menos camas de cuidados intensivos por 100 mil habitantes, comprou 500 ventiladores à China. Uma misteriosa investidora chinesa em Pequim fez uma doação de mais 78 para os hospitais da área metropolitana de Lisboa. No sábado passado, Aleksandar Vucic, Presidente da Sérvia, beijou a bandeira da China quando uma equipa médica chinesa aterrou no aeroporto de Belgrado. Tudo isto é um triunfo para a diplomacia pública de Pequim. As máscaras, os ventiladores e os kits de testes da covid-19 são o novo ouro da política internacional. A vacina será a platina.

Nada disto acontece por acaso. Tal como muitos outros países, a China defende os seus interesses

através do seu governo, empresas privadas e pessoas com ligação direta e indireta ao PCC. Alguns são generosos e humanitários. Outros não. O principal objetivo de Pequim é apagar a imagem do que aconteceu inicialmente em Wuhan e demonstrar as vantagens do modelo político do PCC. Como a embaixada da China em França explicou no Twitter no domingo passado, “a vantagem do nosso sistema é que nos permite concentrar a nossa energia para realizar grandes coisas: construção de dois hospitais, mobilização de 40 mil prestadores de cuidados de saúde para apoiar [a província de] Hubei. Em menos de um mês, a China passou de 2000 casos para menos de 10 por dia”.

Ao longo desta semana, Cui Tiankai, o respeitado embaixador da China nos EUA, distanciou-se da teoria da conspiração de Zhao Lijian contra Washington e Xi Jinping desdobrou-se em contactos bilaterais com uma série de líderes internacionais. Num telefonema recente com Giuseppe Conte, primeiro-ministro de Itália, Xi Jinping propôs mesmo a criação de uma nova Estrada da Seda da Saúde. Não deixa de ser irónico ver uma liderança do PCC, que não tolera a verdade nem a transparência sobre a saúde pública no seu país e que não aceitou que o relatório da primeira missão da Organização Mundial da Saúde à China se referisse à covid-19 como “um patogénico perigoso”, propor uma iniciativa deste tipo às democracias liberais europeias. Do ponto de vista de Pequim, a pandemia é o seu momento unipolar. A doença confirma a centralidade da China no sistema internacional e a subordinação de uma série de Estados-clientes. Os dirigentes e a sociedade chinesa esperam que tal não seja esquecido no futuro, quando os outros governos tiverem de fazer importantes escolhas ao nível tecnológico, económico e comentarem questões de valores políticos.

★ ★ ★

A pandemia é como uma onda que se propaga no tempo. Na semana passada, Justin Welby, arcebispo da Cantuária, comparou a covid-19 ao uso de uma arma nuclear: “Tal como uma explosão nuclear, o impacto inicial é colossal, mas as consequências durarão anos e moldar-nos-ão de um modo que neste momento não conseguimos começar a compreender.” Percebo a analogia mas, com o devido respeito, discordo.

O que define as armas nucleares é o seu efeito rapidíssimo. A destruição é gigantesca e instantaneamente definida. O antes e o depois é claro. A pandemia da covid-19 é um “animal” totalmente diferente. A variável tempo fica alterada. Há o antes, o durante e o depois. Por agora, não sabemos durante quanto tempo durará a primeira fase da doença. Ainda não temos modelos para medir o impacto da covid-19 e as suas possíveis trajetórias de forma fiável. Temos, todavia, indicadores que nos dão os primeiros sinais do impacto da pandemia nas nossas sociedades e economias.

O primeiro é o consumo de eletricidade, um dos melhores indicadores da atividade económica. No norte de Itália, a quebra de consumo em relação ao período homólogo de 2019 foi de 25%. Em praticamente todos os países europeus, o consumo de energia tem vindo a diminuir de forma clara nas últimas semanas. O segundo indicador é o tráfego urbano nas principais cidades europeias e norte-americanas. Mais uma vez, vemos um decréscimo



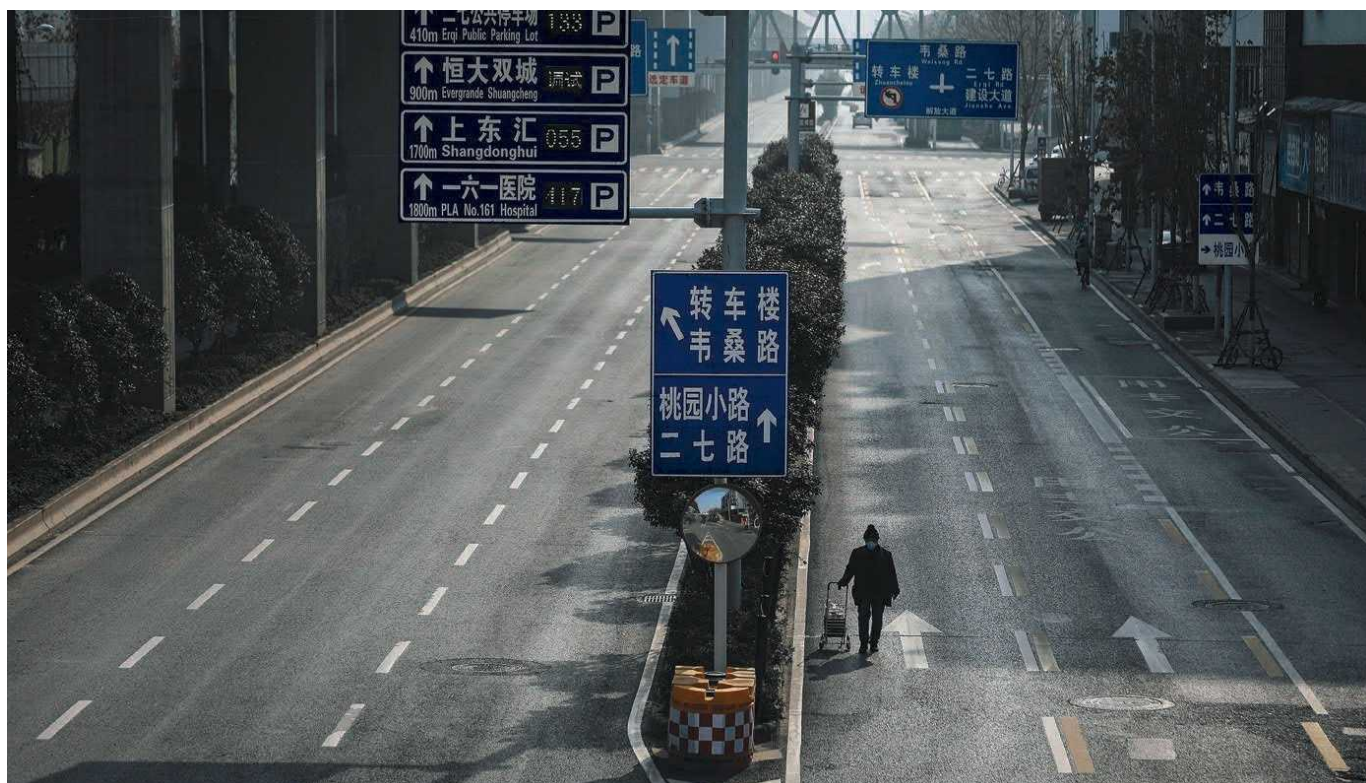
Tal como muitos outros países, a China defende os seus interesses através do seu governo, empresas privadas e pessoas com ligação direta e indireta ao PCC. Alguns são generosos e humanitários. Outros não



MASSIMO PERCOSSI/EPA



KENZABURO FUKUHARA/GETTY IMAGES



GETTY IMAGES

CENÁRIOS A tragédia em curso em Espanha e em Itália permite à China apresentar-se pela primeira vez como líder mundial. No sábado, Aleksandar Vucic, Presidente da Sérvia, beijou a bandeira da China quando uma equipa de profissionais de saúde chinesa aterrou no aeroporto de Belgrado; aqui, com Xi Jinping, em visita oficial à China em abril de 2019. A China (na foto, as ruas desertas de Wuhan) construiu dois hospitais dedicados ao tratamento da doença, um feito que serve para alardear o seu pretendido papel de superpotência. A 11 de março, uma equipa de médicos chineses chegou a Itália para ajudar no combate à epidemia. Pequim é agora indispensável para todas as grandes empresas europeias, norte-americanas e japonesas; Paulo Portas, então ministro dos Negócios Estrangeiros, fita Cao Guangjing, chairman da Three Gorges Corporation, durante a assinatura do contrato de aquisição de 21,35% da EDP, em dezembro de 2011



EMANUELE CREMASCHI/GETTY IMAGES



PATRICIA DE MELO MOREIRA/GETTY IMAGES

muito significativo. Por fim, temos as taxas de juro pagas pelas empresas privadas para se financiarem no mercado de capitais nos EUA. Há duas semanas, uma empresa em boa saúde financeira pagava 2,26%. Agora paga quase 5%. Mesmo para aqueles que estavam em Wall Street em setembro de 2008, no início da Grande Recessão, esta é uma alteração da realidade financeira demasiado rápida. Isto explica a decisão histórica da Reserva Federal esta semana de comprar obrigações de empresas privadas para garantir a sua liquidez. Este é um sinal de que o banco central dos EUA fará tudo para evitar o choque e o pavor financeiro.

Todos estes indicadores e medidas sugerem que a pandemia causará um forte choque económico a curto prazo. Apesar da incerteza em relação à duração do período de quarentena nos países europeus e em algumas cidades dos EUA, os economistas têm vindo a trabalhar numa série de cenários. As primeiras estimativas começaram a ser divulgadas esta semana. A Alemanha perderá o equivalente a 5% durante 2020. No que toca a Portugal, estamos entre um recessão ligeira e uma profunda. Segundo a Comissão Europeia, a contração das economias europeias este ano poderá ser comparável à de 2009, durante a Grande Recessão. Em Inglaterra, a queda do produto poderá chegar a 9% no PIB no segundo trimestre. É preciso recuar muitas décadas para encontrar estimativas tão catastróficas. O mais natural é que tenham profundas consequências políticas em todo o Velho Continente, na União Europeia e na zona euro.

Do outro lado do Atlântico, James Bullard, presidente do Banco da Reserva Federal de St. Louis, defendeu que a taxa de desemprego nos EUA poderá mesmo chegar aos 30% e que o PIB possa cair cerca de 50% durante os meses de abril, maio e junho. A confirmarem-se estes números, o seu impacto político na campanha eleitoral para a Presidência, Senado e Câmara dos Representantes durante o verão e o outono será enorme.

A transformação económica da China nos últimos 40 anos foi um enorme sucesso. Em apenas algumas décadas, um país marginal da economia internacional passou a ser um dos mais importantes do mundo. A globalização, o investimento das grandes empresas internacionais na China e as escolhas do PCC tiraram centenas de milhões de chineses da pobreza extrema a que tinham sido condenados pelo comunismo maoísta. Do ponto de vista industrial e logístico, Pequim é agora indispensável para todas as grandes empresas europeias, norte-americanas e japonesas. Todo este processo foi liderado pelo PCC, que conseguiu sobreviver e manter o monopólio do poder após a crise de 1989.

Todavia, a China não conseguirá escapar ao abalo de terra económico da pandemia. Muito antes de a covid-19 ter aparecido em Wuhan, a economia chinesa estava com sérios problemas. Uma parte destes problemas está relacionado com as consequências da mudança na demografia chinesa. Tal como acontece com muitos países europeus ou o Japão, a China está a envelhecer muito depressa. A tensão comercial e tecnológica com Washington também não ajudou a sua economia. A dívida das empresas e das autoridades locais — a que é conhecida e a que está escondida — é muito elevada. O resultado é uma economia com uma produtividade extremamente baixa. Como era de esperar, a pandemia piorou a situação. A quebra de produção

industrial em janeiro e fevereiro foi de 13,5%, a maior das últimas décadas. É perfeitamente possível que no final deste ano o crescimento da economia chinesa seja de 1,5% a 2%. Bem melhor do que os EUA ou os países europeus mas, mesmo assim, a taxa mais baixa de sempre desde o final da Revolução Cultural em 1976.

A covid-19 atrasará também todo o processo de reforma da economia chinesa. O reforço do controlo do PCC sobre a sociedade chinesa levará o partido a privilegiar as empresas estatais sobre as privadas. Mais uma vez, o investimento em infraestruturas de necessidade duvidosa será feito para manter importantes sectores da economia em funcionamento. Pequim tentará que as pessoas regressem ao trabalho rapidamente mas, mesmo que tal aconteça nas próximas semanas e que seja possível controlar a covid-19, a realidade é que haverá sérios problemas nos principais mercados das suas exportações e cadeias de valor logístico durante os próximos meses. O paradoxo da tentativa de a China ambicionar ser vista como líder internacional na resposta à pandemia a nível interno e externo é que a sua recuperação económica está fora do seu controlo. Depende dos outros e do tempo que for necessário para conter a doença.

Os decisores chineses têm ainda de considerar cuidadosamente um ponto adicional — o dólar. Apesar de acharem que Washington está em declínio irreversível, de saberem que a economia norte-americana entrará em recessão rapidamente e de terem concluído que os EUA são liderados por um personagem ignorante, mal preparado e impulsivo, a realidade é que o dólar continua a ser a moeda hegemónica no sistema financeiro internacional. A primeira consequência da pandemia está a ser uma procura enorme de dólares. A Reserva Federal tem acordos cambiais recíprocos com os bancos centrais dos principais aliados dos EUA. Tal permite-lhes ter acesso a dólares. Pequim, todavia, não beneficia de um acordo deste tipo. As teorias da conspiração contra os EUA em Pequim, a competição estratégica com Washington e a retórica de Donald Trump sobre o “vírus chinês” estão a dificultar a cooperação financeira entre os bancos centrais dos dois países durante a pandemia. A China tem enormes reservas de moeda estrangeira, mas recebe as consequências inflacionárias do pacote de estímulo que está a ser negociado entre a Administração Trump e os republicanos e democratas no Congresso. De momento, não é claro como será possível encontrar uma solução politicamente aceitável para ambos os lados.

★ ★ ★

Há muita coisa que ainda não sabemos sobre a covid-19 e as suas diferentes taxas de letalidade geográfica. Também não sabemos quais serão as consequências sociais, económicas e políticas da tentativa de suprimir a doença através do isolamento social durante semanas ou meses. Sabemos, todavia, uma coisa. As epidemias têm algo em comum com a guerra: a rapidez na preparação e na resposta é essencial. Uma das primeiras consequências da pandemia será a transformação de todo o sector da saúde pública nos países europeus. Como os acontecimentos mostram, esta é uma área de segurança nacional. A influência dos Estados na vigilância ou monitorização da sociedade nesta área crescerá muito. A pandemia prova a importância da

transparência, da cooperação internacional entre governos, investigadores, virologistas, epidemiologistas, médicos, enfermeiros e empresas para gerir o risco e a incerteza na área dos cuidados de saúde. O mais natural é que a segunda fase da covid-19 volte a aparecer no próximo inverno, o ponto alto da gripe que mata anualmente dezenas de milhares de pessoas. Que capacidade de resposta terão os hospitais nessa altura?

A segunda consequência será um repensar das capacidades de produção nacional em áreas críticas e a criação de novas linhas de comunicação logística para dar muito mais resiliência aos países em situações de crise. O momento unipolar da China mostra a enorme dependência dos países asiáticos, europeus e dos EUA em relação à produção industrial chinesa. As máscaras, os ventiladores e os produtos farmacêuticos são o melhor exemplo. Pequim continuará a ser um gigante logístico, nem que seja pela dimensão do seu mercado interno e regional na Ásia, mas haverá muito investimento na criação de novos circuitos alternativos na Europa. Isto terá impacto nas operações das grandes empresas.

No meu telemóvel está a frase “Designed by Apple in California. Assembled in China”. Isto é enganador. O fabrico do iPhone é o resultado da geografia dos minerais e fornecedores altamente especializados na Irlanda, Filipinas, China, Taiwan, Japão, Áustria, Coreia do Sul, Singapura, Tailândia, Alemanha, Inglaterra, Holanda, Indonésia, Porto Rico, Brasil, Malásia, Israel, República Checa, México, Vietname, Marrocos, Malta, Bélgica e EUA. Esta logística é altamente eficiente para a Apple, mantém os custos de produção baixos e a sua margem de lucro elevada. O problema é que é altamente vulnerável aos desastres naturais e pandemias como a covid-19. A estabilidade da oferta logística ao nível industrial e alimentar deverá ser uma prioridade daqui para a frente. A globalização não acabará, mas mudará.

Por fim, temos a política internacional. A pandemia não é um cisne negro. A História regista muitas. Mas quais serão as consequências da covid-19 na competição entre os Estados? Não sabemos bem ainda. O mais provável é que o momento unipolar da China na saúde pública gere uma forte reação nos EUA. Washington sempre foi uma capital disfuncional. A ignorância de Donald Trump agrava o problema. Todavia, os Estados, as empresas, as universidades e a sociedade norte-americana possuem recursos formidáveis. Uma das consequências da pandemia será um acelerar do debate estratégico nacional sobre as escolhas do país. Este processo durará anos, mas terá consequências muito importantes para os países europeus, a Rússia e a Ásia em geral. Em julho de 1990, Charles Krauthammer escreveu no “Washington Post” que o acordo entre Helmut Kohl e Mikhail Gorbatchov sobre o estatuto geopolítico da Alemanha na Europa assinalava o nascimento do “momento unipolar” dos EUA. Na altura, Krauthammer julgava que esse momento seria breve. Pressentiu bem o momento, mas enganou-se. O momento unipolar de Washington durou décadas. Os colonistas de política internacional não têm bolas de cristal mas, às vezes, podem sentir o ritmo da História. Quanto tempo durará o momento unipolar da China na saúde pública? ●

e@expresso.impresa.pt